

Vestígios da história da educação de Vilhena-RO: revisitando a primeira instituição escolar “Wilson Camargo” (1960-1980)

Josiane Brolo Rohden¹

Helen Arantes Martins²

Resumo

Este trabalho elege como objeto de pesquisa a implantação da educação de Vilhena, Rondônia, no momento acentuado de migração/colonização da localidade. Delimitou-se como período de estudo historiográfico os anos de 1960 a 1980 momento este, em que ocorreu no município um acelerado movimento de migração. Neste sentido, este artigo, direciona seu olhar para o estudo da primeira Instituição Escolar “Wilson Camargo”. A metodologia do trabalho parte da perspectiva da História Oral, assim como análise de fontes historiográficas. Espera-se com esta investigação, contribuir para com a História da Educação regional e nacional, inserida num contexto macro da História da Educação Brasileira no que se refere às questões dos processos educacionais ocorridos concomitantemente aos movimentos migratórios de colonização dos chamados “espaços vazios” do território nacional, qual objetivava integrar a Amazônia à economia Nacional.

Palavras chave: História da Educação. Instituição Escolar. Colonização. Vilhena-RO.

1 Introdução

Este trabalho é fruto das pesquisas em andamento, do Projeto “De repente, Professor! Histórias de vida de Professores-Migrantes de Vilhena - RO: um olhar para a constituição dos saberes e fazeres docentes,” qual se insere nas discussões do GEPRAM - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Migração da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena. O objetivo principal do projeto versa em conhecer as histórias de vidas de professores- migrantes de Vilhena, entre os anos de 1960 a 1980, período delimitado pelo fato do acentuado processo de colonização/migração que ocorre entre estes anos e, conseqüentemente encontrar vestígios que possibilitem a construção de uma versão culturalista da história da educação do município.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Professora do Departamento de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena.

² Graduada em Ciências Contábeis, acadêmica do VIII Período de Pedagogia do Departamento de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena, Bolsista PIBIC/UNIR/Cnpq.

A cidade de Vilhena está situada geograficamente no chamado Cone Sul de Rondônia e que de acordo com Andrade e Guarnieri (2012) guarda significativo papel não só na história regional, como também na história do País, o que se deve ao fato de sua localização geográfica de divisa de estados e proximidade com a Bolívia, o que lhe inseriu no projeto de integração nacional ainda na época da República Velha (1889-1930).

A pesquisa contextualiza o processo de construção de Vilhena, com enfoque a partir de uma política de Estado que, por conseguinte, facilitou o processo de migração pelas companhias de ônibus, devido à abertura de estradas.

Desta forma, toda uma análise permeia a discussão sobre o processo de construção de Vilhena, desdobrando para o debate dos povos que habitavam a região, como se deu os procedimentos migratórios, as diferentes culturas que compõem o cenário em estudo, as características acentuadamente sulistas da cidade se comparada ao restante de Rondônia.

Nesse sentido, a partir da perspectiva da Nova História Cultural, a pesquisa, “se mostra proveitosa ao abrir possibilidades de abordagem de uma história de longa duração, repleta de significantes que a história positivista ou do historicismo não permite” (ANDRADE; GUARNIERI, 2012).

Neste contexto, conhecer a história da educação, tendo como base as histórias de vidas de professores-migrantes de Vilhena, significa “dar voz” àqueles que contribuíram para com a História da Educação, bem como para com o processo de construção da cidade. Histórias estas, guardadas, esquecidas no tempo, quais a História Oficial não menciona. Histórias de *homens comuns* (CERTEAU, 1998), que precisam ser registradas, interpretadas para que possamos entender muito dos reflexos do presente, ainda existentes em nossas salas de aula. Para tanto, neste artigo, delimitaremos nossas discussões, para as análises da primeira Instituição Escolar Wilson Camargo.

2 Sobre o *locus* da Pesquisa

A cidade de Vilhena está localizada na região sul do estado de Rondônia, tornou-se município pela Lei de nº 6.448 de 11 de Outubro de 1977. Teve como primeiro prefeito Renato Coutinho dos Santos (21/06/1977 a 01/03/1980). A escolha do nome do local, ainda feita por Marechal Rondon, se dera em homenagem ao Organizador da Carta Telegráfica Pública, Álvaro Coutinho de Melo Vilhena, durante a chamada “Missão Rondon”.

As histórias vividas e relatadas em documentos escritos de Marechal Rondon e de Roquette Pinto que juntos faziam parte de tal missão em meados de 1912, relatam que tal missão foi responsável por grande parte do desenvolvimento da região e da integração nacional do país.

Apresentamos uma fotografia onde aparecem Marechal Cândido Rondon e alguns dos membros que constituíam tal Missão, qual fez de Rondônia o que futuramente viria a ser um estado, cujo nome faz referência ao Chefe desta expedição.

Figura 01 – Foto Parcial Da Comissão Rondon, 1911.



Fonte: Rondônia em Sala (2014)³

³ Em nota essa imagem pode ser acessada no domínio <http://rondoniaemsala.blogspot.com.br/2012/04/infra-estrutura-em-vilhena-o.html>

Pontua-se que de 1900 a 1906, Rondon, nomeado chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas no Estado de Mato Grosso, iniciou, a construção das linhas que ligariam a capital ao sul do Estado. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, garantiu as terras aos índios e protegeu os povos Bororo, Terena, Ofayé e Kadiwéu. Em 1904, o chefe da Comissão encontrou grandes dificuldades para fixar postes no Pantanal, assim, grupos indígenas, especialmente os Bororos e os Paresi, integram-se como aliados fundamentais no trabalho de campo da Missão ao abrir picadas e revelar os mistérios da mata.

Para tanto, no início da segunda metade do século XX, com a implantação das linhas telegráficas realizadas pela Comissão Rondon, que uniria a região Norte ao restante do país, o estado de Rondônia passou a receber um grande número de migrantes quais saíam na sua maioria da região Sul do Brasil em busca de melhores condições de vida na região Norte. O que favoreceu este processo de migração foi à construção da rodovia BR- 29, atual BR- 364. Desta forma, pode-se dizer que a região foi marcada por dois pontos fundamentais na história de sua ocupação, a passagem das linhas telegráficas e a construção da rodovia citada.

Por se tratar de um município que faz divisa com o Mato Grosso, Vilhena, tornou-se um ponto de chegada para muitos migrantes aventureiros. A região onde está localizada a cidade ficou conhecida como “Portal Amazônico de Boas Vindas” e o “Cone Sul do Estado” a vários migrantes que desta terra pretendiam alcançar o sonhado “Eldorado”⁴. Em 1960, um grande acontecimento impulsionaria Vilhena com a visita do Presidente Juscelino Kubitschek que pessoalmente encena a derrubada da última árvore e a abertura da BR- 029, atual BR- 364. A região então passa a atrair pessoas e, logo ocupada, com singelas casas e muito trabalho. Como explica Gomes (2012, p.173).

As cidades, em suas origens eram compostas por casas e barracões de madeira; era uma raridade alvenaria. A paisagem era tomada por serrarias, botecos, máquinas de beneficiamentos de grãos e serialistas comerciantes de produtos agrícolas como arroz, milho, feijão e café.

⁴ Nome do Rei cujo significado é “aquele que é encoberto de ouro” mitologia Amazônica que se tornou atração para muitos exploradores. De acordo com Gomes (2012, p.34).

Todas as casas possuíam pregos pelo lado de dentro que serviam como “cabideiros”; nas cabeceiras das camas mais um prego, esse era para o “soro” aplicado nos pacientes que comumente contraíam malária, doenças bastante comum que assolou todas as regiões do território e mais tarde do Estado de Rondônia.

Figura 2: No dia 04 de Julho de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek, em Vilhena, fez, tombar simbolicamente, a última árvore existente, ligando Porto Velho à Brasília.



Fonte: GentedeOpinião (2007)⁵

A cidade chamava a atenção devido à diversidade natural, com várias planícies, campos verdejantes, clima tropical, altas árvores nativas, águas claras e rios caudalosos que rodeava a cidade como o Rio Vermelho, Barão do Melgaço, Piracolina e Pires de Sá, constituíam um cenário atraente para um futuro mais promissor àqueles que no local chegavam, ensejavam um pedaço de terra, naquele lugar tão cheio de vida e esperança.

Muitos sonhavam e de certa forma foram induzidos a sonhar com a marcante propaganda da época, que: “[...] a terra era tão boa que pé de milho em Colorado produzia cada um até sete espigas; pé de quiabo crescia tanto que as pessoas subiam

⁵Em nota essa imagem pode ser acessada no domínio
<http://www.gentedeopinioao.com.br/lerConteudo.php?news=23250>

para colher, maracujá dava de quilos; abóboras e mandiocas gigantes [...]” (GOMES, 2012, p.174).

Essa era a imagem que muitos migrantes tinham do novo estado e assim, de Vilhena. Entretanto, a realidade da comunidade que se formava estava um tanto distante das falas e dos sonhos, a terra precisava ser trabalhada, adubada, havia muitas matas fechadas que até então tomavam conta dos perímetros urbanos. As estradas ainda estavam em abertura, o sofrimento para se chegar até o local era grande, muitas famílias que chegavam em grande quantidades, vinham transportados por caminhões de “pau de arara”⁶ e pelas companhia de ônibus que iniciava seus trabalhos no estado.

Brasil (2000) destaca que a chegada desses migrantes à região, marcava-se pela extrema precariedade. As estradas eram de terra, coberta por poeira durante o verão e na temporada de inverno chovia muito e, as estradas ficavam mais precárias, por diversas vezes, foi necessário parar e montar acampamentos a beira das mesmas, as crianças eram transportadas junto aos adultos e na maioria das vezes tratadas sem a necessária atenção e cuidados da infância.

Almeida (2007, p.15), um oriundo garimpeiro, que por essas terras passou, relata em sua obra a trajetória que ele e muitos percorriam no interior das matas:

Lá iam eles com os pés na estrada, aliás, nem estrada tinha era, apenas uma picada sinuosa. Às vezes descendo, às vezes subindo, e quase sempre escorregadia, principalmente quando chovia. [...] quando chovia os atoleiros eram constante. Quantas vezes, estivemos impedidos de continuar viagem, atolados até os eixos, aguardando socorros que levavam dias para chegar, quando chegavam. A improvisação e a criatividade eram a melhor opção.

Contudo, uma miscigenação de culturas foi tomando conta da região e a migração era constante, não demorou muito e intensificou a chegada de todos os lados de aventureiros, garimpeiros e colonos e outros a procura de terras e riquezas.

A esfera de migração foi muito forte por parte dos sulistas e nordestinos, as geadas que acabavam com os campos do sul traziam esses povos à procura de clima

⁶ Adaptações de meios de transportes precárias para transportar pessoas.

tropical para plantar e colher, os nordestinos com sua mão de obra barata e à procura de terras férteis também ocuparam grande parte da região, inclusive de Vilhena.

Muitos que nesta terra chegavam, encontraram muitas dificuldades, muitas famílias foram vítimas do “descaso governamental” como relata Gomes (2000), com muitas falhas no processo de colonização e integração dos colonos, a dificuldade de adaptação ao clima tropical das florestas, a fauna, a flora, a malária assolava a muitos. A ausência de órgãos fiscalizadores deixou levar ao longo da história muitas de nossas matas e árvores nativas que desapareceram no meio do fogo e do machado.

As famílias de migrantes encontram em Rondônia enormes dificuldades. Acostumados em outras regiões, derrubam uma área aqui e alguns anos depois está toda encapoeirada devido ao calor e à umidade, faltam créditos, a maioria dos colonos não têm condições de trabalhar com as culturas permanentes seja pelo investimento que exigem, seja pela demora em ter retorno. (PERDIGÃO; BASSEGIO, 1992, p.178).

Durante esse período de colonização da região, diversas políticas foram adotadas pelo Governo Militar. Muitas famílias que possuíam somente o dinheiro da venda de suas propriedades anteriores, ao investirem demasiadamente na colonização das terras apropriadas, começaram a passar por dificuldades, pois, a terra necessitava de cuidados para o cultivo.

Os pequenos agricultores se endividavam e sem as condições básicas para se manter, vendiam suas propriedades ocupadas por preços baixíssimos para grande fazendeiros que se expandiam cada vez mais, alguns conquistados com sucesso próprio, porém, outros com o suor de pequenos agricultores. Com as terras já desmatadas e o solo beneficiado de alguns preparos se tornava ótima a negociação. Contudo, as famílias aos poucos foram se dissipando e vários colonos passaram a buscar terras em outras localidades, vivendo de muito trabalho e pouco dinheiro.

De acordo com (PERDIGÃO; BASSEGIO, 1992, p.114):

Os trabalhadores são vítimas do modelo de colonização de Rondônia, pois os projetos de assentamento são executados normalmente entre grandes fazendas, e as terras férteis ficam retidas com os grandes fazendeiros, ou são consideradas reservas florestais. As terras amarelas, utilizadas para o plantio de árvores permanentes ou pastos,

foram distribuídas para as famílias de lavradores. Estas famílias de migrantes trabalham durante, por vários dias, na derrubada da mata. Alguns fazem percursos de 20 a 40 km para chegar em seus lotes com o “Cacaio” nas costas enfrentando sol quente, picadas, doenças e todo tipo de sofrimento [...]. Como se nota, a terra tem sido o elemento básico de separação máxima das classes sociais fundamentais. Para o INCRA, faltavam verbas e a demanda é maior que a oferta. A exploração do capital manifesta-se para os migrantes trabalhadores “sem-terra”, impondo formas de serviços em regime de escravidão [...].

Ainda segundo os autores citados, o garimpo, a plantação de milho, o arroz, a mandioca e o feijão mantinham a maior parte da movimentação dos comércios. A pequena cidade de Vilhena estava se desenvolvendo e, conseqüentemente a necessidade de implantação de escolas, comércios variados, bancos e outros, se fortaleciam no novo vilarejo.

Neste sentido, tal trajetória migratória, trouxe consigo a mistura de raças, costumes, culturas, sentimentos, conquistas, coragem, derramamento de sangue e, muito desejo de “progresso”, qual custaria todo um processo de desmatamento de nossas florestas, extinção de espécies da fauna e flora, e até mesmo extermínio de muitos povos nativos.

3 História da Educação de Vilhena: primeiros indícios

Estudar a origem de um sistema educacional implementado em pleno processo de colonização de uma cidade é o principal desafio desta pesquisa, uma vez que a educação nesse contexto se apresentava indissociável dos reflexos do processo colonizatório. Mais que debruçar sobre uma história educacional, é preciso compreendê-la também no cenário do movimento migratório engendrado no interior do processo de colonização do município de Vilhena, e, sucessivamente do estado de Rondônia.

Assim, faz-se necessário salientar, a importância em se registrar a história, as memórias e práticas da educação num momento em que a educação se constituía concomitantemente com a construção de uma cidade. Deste modo, a fim de fortalecer a

história da educação local, regional e no âmbito nacional, uma vez que a cidade de Vilhena faz parte de uma história de migração e colonização recente do país, num momento em que o Estado incentivava a ocupação territorial para “ocupar” os chamados “espaços vazios” da Amazônia, pretendemos conhecer com esta investigação como se deu a criação, a implantação do sistema educacional local.

De acordo Sanfelice (2007, p. 76):

Quando se toma a decisão de pesquisar a história de uma instituição escolar ou de uma instituição educativa, o condicionante inicial que se põe é da temporalidade. São instituições que existiram e acabaram ou que existiram e sobreviveram até os dias de hoje? No primeiro caso vai-se em busca de uma história do passado, e no segundo caso é necessário optar por uma história somente do passado ou por uma história do passado e do presente. Não raro, em ambas as situações acabam-se, com frequência, tendo que priorizar um determinado período da história da instituição.

Diante disto, o recorte no tempo seja passado ou presente é importante para início de qualquer pesquisa. No entanto, Sanfelice (2007) lembra que as escolhas iniciais para traçar a trajetória da pesquisa da história das instituições escolares ou educativas não garantem, por si só, o sucesso da mesma. Salientando que:

As condições materiais objetivas e subjetivas do pesquisador, em especial a sua própria formação no campo de pesquisa, são determinantes para que as decisões tomadas no ponto de partida estejam presentes no ponto de chegada, enriquecidas pelos novos conhecimentos adquiridos (SANFELICE, 2007, p. 76).

Com isto, nosso recorte no tempo para desenvolvimento deste trabalho denomina-se: “Revisitando a Primeira Instituição Escolar “Wilson Camargo”, em especial, no período de 1960 a 1980”. Trata-se de uma pesquisa historiográfica a partir de uma perspectiva da Nova História Cultural, que considera a cultura e seus condicionantes econômicos, políticos e sociais passíveis de análise para a compreensão global do contexto ao qual se insere o campo de pesquisa.

Para os novos historiadores culturais, as relações econômicas, sociais e mentais são campos de práticas e produções culturais. As práticas envolvem todo o espaço da experiência vivida e a cultura permite ao indivíduo pensar essa experiência, ou seja, criar as formulações da vivência. Todo simbolismo é fator de identidade, e toda cultura é cultura de um grupo: “a história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e cultural”. Assim, o estudo das práticas tornou-se um dos paradigmas da nova história. Ao invés de se estudar apenas as instituições, as correntes filosóficas, teológicas, as teorias, parte-se para a história da experiência humana em todos os seus sentidos (BURKE, 2008. p. 78).

Nesse sentido estudar a origem da educação implementada em pleno processo de colonização, na cidade de Vilhena a partir da Instituição Wilson Camargo se situa dentro de uma perspectiva historiográfica da Nova História Cultural, uma vez que a educação nesse contexto se apresenta indissociável do processo de colonização. Considerando a importância da educação para o desenvolvimento de uma região.

Para Rohden (2012), a discussão que envolve os entornos da cultura escolar está relacionado de forma frequente ao espaço destinado à difusão do conhecimento e dos valores transmitidos em determinado tempo e espaço.

Quanto aos caminhos para estudar uma instituição, estes são inúmeros e existe um que possa ser indicado como conclusivo, pois, ao adentrar em uma instituição educacional nos deparamos com uma gama de situações a serem investigadas. Conforme Nas palavras de Sanfelice (2007, p. 77):

Há, como em edifícios, subterrâneos, alicerces, porões, portas, janelas, sótãos, telhados, chaminés... O desafio é entrar na instituição. É pouco relevante, parece-me, o caminho a ser escolhido. Posso chegar a instituição pela legislação educacional, pelo seu currículo, pelo seu quadro de alunos, pela sua proposta pedagógica, pela sua cultura manifesta, pelos trabalhos escolares, pela arquitetura do prédio, pelos professores que dela participam, pelos ex-alunos, pelo mobiliário, pelas memórias, pela historiografia preexistente ou por arquivos e fontes múltiplas (escritas, orais, imagens, sons e outras). O que me dá passaporte de ingresso é o conjunto de fontes que levanto, critico e seleciono, e nenhum tipo de fonte deve ser interditado.

A partir desta discussão, é pertinente ainda a inferência do autor quando menciona que “não há instituição escolar ou educativa que não mereça ser objeto de pesquisa histórica” (SANFELICE, 2007, p. 79).

Muitos estão sendo os caminhos que estão possibilitando pesquisar e discutir sobre a história da Escola Wilson Camargo, bem como a sua importância para a sociedade Vilhenense na década de 1960 a 1980. Dentre elas: discutir a relevância da educação para o desenvolvimento de uma região, estado e nação; analisar como a educação surgiu em Vilhena/RO, a necessidade de implantação de uma escola em meio ao processo de construção de uma cidade; identificar como acontecia o processo educacional nos primeiros anos de constituição da cidade de Vilhena, de forma a discutir as questões pertinentes à formação dos professores disponíveis para ministrar aulas, na referida instituição, bem como suas metodologias e materiais utilizados.

A princípio, pode-se dizer que com a vinda de Rondon e de seus homens e de migrantes para o trabalho, como mencionado anteriormente, foram abertas estradas e houve a instalação de companhias de ônibus, o que possibilitou o fluxo cada vez maior do processo migratório, entretanto, no decorrer dos anos surge uma problemática, que se refere ao fato da ampliação da cidade e com ela, o aumento considerável da população oriunda das correntes migratórias. É neste momento que surge a “preocupação” em oferecer estudos aos filhos dos migrantes, para que estes se fixassem no local e não retornassem para suas cidades de origem.

Para tal, as famílias que no local se encontravam, se reuniram e decidiram que a escola seria instalada e foram em busca dos meios legais para tal realização.

O município de Vilhena inaugura a primeira escola com o Decreto de nº 353, de 10/08/1960, com a denominação de Escola Isolada Wilson Coutinho, tendo como primeira professora Noeme Barros Pereira. Faz-se necessário mencionar que, a pequena escola que estava às margens do Rio Pires de Sá, só iniciou suas atividades em Setembro de 1962, ou seja, dois anos sem exercer atividades educacionais na escola.

No início, a sala da casa da própria professora servia de atendimento improvisado às crianças, atendendo a 10 (dez) alunos entre esses filhos de Marciano Zonoecê.⁷

É neste contexto que surge nesta pesquisa, a necessidade de compreender as relações de sociabilidade existentes entre professores e alunos de escolas públicas da região de Vilhena no período de 1960 a 1980. Período em que intensificaram as migrações e que Vilhena obtém emancipação política.

Brasil (2000) descreve que anterior a professora Noeme Barros, o professor normalista Wilson Coutinho, que teve seu nome em homenagem a escola e posteriormente trocado para Wilson Camargo, sobrinho do engenheiro Camargo Corrêa empresa responsável pela abertura da BR- 029, orientava os professores leigos da região e também alfabetizava as crianças da época, cobrando às vezes alimentos ou valores módicos por seus serviços.

Ao longo do período de 1960 a 1980, ainda segundo Brasil (2000, p.113):

O ensino era limitado a instrução do nível primário, funcionando no estilo multisseriado, devido ao número reduzido de alunos, falta recursos humanos e materiais. A pequena escola, porém, soube suprir e cumprir suas funções sociais naquele momento inicial. No início de 1970 a pequena Escola Isolada Wilson Coutinho, depois de passar por quatro endereços, se muda para o local da sede atual, tendo seu nome dado para Wilson Camargo [...]. No decorrer desses anos, a Escola Isolada Wilson Camargo foi aos poucos sendo ampliada, em função do aumento da demanda.

A partir de então, o foco e preocupação da educação era em alfabetizar os alunos.

De acordo com os estudos de Brasil (2000), em 4 de Junho de 1974, foi implantado o ginásio⁸, em 1976 foi implantada a pré-escola. Em 28 de Setembro de 1977, foi criado o 2º grau atual ensino médio que permitia habilitação para Magistério⁹

⁷ Foi educado no internato de Rio de Janeiro com o ofício de telegrafo. Tornando-se aos 31 anos o primeiro indígena da etnia de Parecis a administrar a Estação Telegráfica de Vilhena/RO no ano de 1943.

⁸ Termo que referia-se na época ao Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano atualmente.

⁹ Habilitação para a atuação do magistério em exercer a profissão de professor das séries iniciais.

e Contabilidade¹⁰. Ao longo do período em estudo, Vilhena passa a formar seus professores de Nível Médio, uma trajetória de 18 anos que a escola Wilson Camargo vivia como a única escola da região, no período de 1970 a 1980. Neste processo, a única escola passou por diversas necessidades de adaptação, com a intensidade de migração que cresceu desordenadamente.

No período de 1980 a história da educação de Vilhena passa por transformações como cita Brasil (2000, p.115):

No início de 1980, o Estado e o Município construíram várias escolas na zona urbana e rural. Em 1982, quando Vilhena ainda agrupava Colorado do Oeste e Cerejeiras, chegou a ter perto de 120 escolas rurais. Em fevereiro de 1980 entrou em atividade a primeira escola particular, O Educandário São Domingos Sávio (hoje Escola de Educação Básica Santa Lúcia Filippini) e, em 1984, a Escola Maria Montessori (hoje Objetivo). O período de 1980 a 1990 foi marcado por grandes transformações. Vilhena recebeu um expressivo contingente de novos professores, contratados pelo Governo Federal e posteriormente pelo Governo Estadual.

Inicialmente como já mencionado, a escola funcionava num casebre rústico, improvisado na casa da primeira professora. O caráter rudimentar da estrutura física da escola, sendo de madeira, ficava à mercê das intempéries do tempo. As chuvas ocorriam com frequência em Vilhena e, como relatam fontes orais, as paredes possuíam muitas fissuras, o que não permitia uma proteção completa dos alunos, professor e materiais pedagógicos, o que dificultava muito o trabalho, principalmente em épocas chuvosas.

Explicam Nunes e Cunha (2005), que para ministrar aulas, não havia possibilidade de, o estado enviar professores formados para atuação docente, devido ao fator tempo que demandava o processo seletivo na época e de locomoção. Esse problema foi “resolvido” pela orientação aos leigos, imbuídos de boa vontade pelo Sr. Wilson Coutinho, como mencionado anteriormente, um dos primeiros pioneiros, preocupado com a educação das crianças do local.

Wilson Coutinho além de orientar os professores leigos, que não tinham formação para o magistério em Vilhena, também lecionava para as poucas crianças do

¹⁰ Técnico na área de patrimônio das entidades.

local. Também, segundo relatos históricos, o mesmo incentivou os moradores da localidade a reivindicarem junto a diretora de educação do Território, na época em estudo, a Professora Marise Magalhães Costa Castiel, a criação e instituição de uma escola pública.

A reivindicação foi atendida e assim criou-se Escola Isolada Wilson Camargo, pertencente à Porto Velho, uma vez que Vilhena era ainda distrito de Porto Velho.

Faz-se necessário mencionar, que o Parecer 033/CTE de 29 de setembro de 1977 modificou o nome da Escola Isolada Wilson Camargo para Escola Territorial de 1º e 2º Graus Wilson Camargo e posteriormente com a mudança de Território para estado, passou a ser denominada Escola de 1º e 2º Graus “Wilson Camargo”, após, para atender a nova legislação de 1996, denominou-se Escola de Ensino Fundamental e Médio “Wilson Camargo”.

De acordo com as fontes históricas encontradas, a escola foi reconhecida pelo Parecer nº 099/CEE/RO de 10.11.89 e o Decreto nº 5956/27/05/93, elevou a escola em “Instituto Estadual de Educação”, e através da resolução nº 074/96 – CEE/RO, essa denominação foi alterada para “Instituto Estadual de Educação Wilson Camargo”.

Atendendo às exigências da nova LDB nº 9394/96, em 2001, formou-se a última turma do magistério, dando por extinta esta habilitação profissional. Em 2002 implantou-se a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Em 2007 iniciou-se o processo do Ensino Fundamental de 09 (nove) anos com matrícula inicial aos 6 (seis) anos em atendimento a lei nº 11.274/2006 e Resolução nº 131/06 - CEE/ RO.

Contudo, estes são os primeiros indícios históricos encontrados por esta pesquisa, qual intenta construir uma versão culturalista da História da Educação de Vilhena e com os sujeitos que dela participaram, de forma a buscar registrar a história como acontecimento e contribuir para com os estudos da História da Educação Brasileira, qual possui singularidades, peculiaridades em cada instituição que se pretenda historiar, rompendo com os discursos homogêneos, de que no país sempre tivemos uma escola única, e, portanto uma exclusiva história: àquela contada pela História Oficial, qual conta apenas a versão que lhe convém, não enfatizando a história daqueles que ajudaram a construir, a história dos *heróis sem nome*, como diria Certeau (1998).

4 Considerações finais

No contexto de uma história onde colonização e educação se entrecruzam, fazer um inventário da primeira Instituição Escolar, se constituiu como um campo de trabalho interessante, pois permite-nos além de compreender o espaço escolar em estudo, também discutir as tradições, os costumes trazidos pelos migrantes, que seriam então mantidos e repassados pela escola. Além disto, permite-nos também pensar escola e sociedade inteiramente interligadas por um objetivo comum: a construção de uma cidade, sendo, portanto, a escola o referencial que garantiria a permanência dos migrantes nestas terras, em meio aos perigos da floresta, as doenças, as dificuldades de sobrevivência num local desconhecido, onde tudo era preciso ser construído.

Assim, quanto aos movimentos deste estudo, pode-se dizer que o projeto de colonização de Vilhena, assim como de outras cidades de Rondônia, fazia parte de um projeto maior, promovido pelo Estado, sob um discurso legitimador de ocupar os espaços considerados ‘vazios’ demográficos na Amazônia, fortalecer a segurança nacional e resolver conflitos em alguns estados federativos, devido principalmente à modernização latifundiária.

Sob esse discurso, o governo militar, a partir de 1964, utilizou estratégias políticas, criando órgãos responsáveis para tal favorecimento do projeto, beneficiou empresários com incentivos fiscais, forneceu ampla infraestrutura, como a construção de rodovias federais, favoreceu empresas privadas a assumir projetos de colonização, uma vez que em décadas anteriores tentativas frustradas de colonização estatal haviam sido realizadas. Além disso, com uma forte ideologia, alimentava o processo de migração como prova de brasilidade, marcada por uma intensa propaganda que ‘mitificava’ a Amazônia como um novo ‘Eldorado’.

A partir das discussões que a presente pesquisa, percebe-se a contribuição para com a história da educação, tanto na esfera regional quanto nacional, uma vez que a historiografia brasileira que trata dos movimentos migratórios concentra seus estudos na região sul do país, os quais, de acordo com Oliveira (2009), destacam as escolas

formadas por imigrantes italianos, poloneses, alemães e outros, evidenciando, portanto, a carência de trabalhos no país que contemplem a educação durante o processo de avanço da fronteira agrícola em meio ao período da ditadura militar brasileira.

Numa pequena ‘sala’ de madeira, com estrutura material precária, onde o chão era a própria terra, às margens do Rio Pires de Sá, as primeiras crianças que chegaram em Vilhena estudavam todas reunidas sob o regime multisseriado, de forma improvisada, apenas para “garantir” que continuassem seus estudos e, assim, a escola se tornava instrumento de fixação dos migrantes que no local chegavam.

Finalmente, faz-se necessário mencionar o quanto é importante que se faça uma relação entre o objeto de estudo com o contexto histórico que se definiu, levando-se em consideração as ações dos homens nesse processo, assim como a *história* entendida como *acontecimento* (BENJAMIN, 1987) e significada pelos sujeitos.

Traces of the history of education of Vilhena- RO: revisiting the first educational institution "Wilson Camargo" (1960-1980)

Abstract

This paper elects as research object of education deployment de Vilhena, Rondônia, sharp currently locale migration/colonization. Delimited as historiographical study period from 1960 to 1980, in this moment that occurred in the municipality an accelerated migration movement. In this sense, this article, directs its focus to the study of the first school institution "Wilson Camargo". The methodology of the work came from the perspective of Oral History, as well as analysis of historical sources. Hopefully with this research, contribute to the history of regional and National Education, inserted in a macro context in the history of Brazilian education on issues of educational processes that occur concurrently to the migratory movements of colonization of so-called "empty spaces" of the national territory, which aimed to integrate the Amazon to the National Economy.

Keywords: History of Education. School Institution. Colonization. Vilhena-RO.

Rastros de la historia de la educación de Vilhena-RO: revisitando la primera institución educativa "Wilson Camargo" (1960-1980)

Resumen

Este documento elige como objeto de la investigación de la implementación de la educación de Vilhena, Rondonia, actualmente sostenido locale migración/colonización. Delimitado como período de estudio historiográfico de 1960 a 1980, en este momento en que se produjo en el municipio un movimiento de

migración acelerada. En este sentido, este artículo, dirige su foco al estudio de la primera institución escolar "Wilson Camargo". La metodología de trabajo ve desde la perspectiva de la historia Oral, así como el análisis de las fuentes históricas. Espero que con esta investigación, contribuir a la historia regional y nacional de educación, inserta en un contexto macro en la historia de la educación brasileña en temas de procesos educativos que ocurren simultáneamente a los movimientos migratorios de colonización del llamado "espacios vacíos" del territorio nacional, que pretendía integrar la Amazonia a la economía nacional.

Palabras clave: *Historia de la Educación. Institución Escolar. Colonización. Vilhena-RO.*

Referências

ALMEIDA, N. **Terceiro Igarapé**. Canoas: Adhara, 2006.

ANDRADE, F.S.; GUARNIERI, I. L. Na trilha de Marechal Rondon: origens históricas de Vilhena. In: 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea. O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais, 2012, Vilhena. **Anais...** Vilhena: UNIR, 2012.p.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas V. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3º. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL, LDB **lei nº 9394**, 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL, **Lei nº 11.274**, de 6 de Fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

BRASIL, Pedro. **Vilhena conta sua História**. Vilhena: Gráfica Delta, 2000.

BRASIL, **Resolução nº 131** - CEE/ RO, de 14 de Dezembro 2006. Fixa normas para a implantação de nove anos no Sistema Estadual de Ensino a partir do ano letivo 2007.

BRASIL. **Decreto nº 5956**, de 27 de Maio de 1993. Dispõe sobre as escolas Estaduais de 1º e 2º graus "Marechal Rondon", em Ji-Paraná e "Wilson Camargo", em Vilhena, e dá outras providências.

BRASIL. **Legislação informativa, Lei nº 6.448**, de 11 de Outubro de 1977. Dispõe sobre a organização política e administrativa dos Municípios dos Territórios Federais, e dá outras providências.

BRASIL. **Legislação parecer nº 099/CEE/RO**, de 10 de Novembro de 1989. Autoriza a emissão de Certificado de Conclusão de Ensino de 2º Grau, ou de Ensino Médio, para fim de prosseguimento de estudos, no caso que especifica.

BRASIL. **Resolução nº 074 – CEE/RO**, de 20 de Dezembro de 1996. Referente as Diretrizes Curriculares Nacionais e as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** RJ: Zahar, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. v.1, 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 1998.

GOMES, E. **História e Geografia Rondônia**. Vilhena: Gráfica e Editora Express, 2012.

NUNES, Célia M. F.; CUNHA, Maria Amélia de A. **A “escrita de si” como estratégia de formação continuada para docentes**. Revista Espaço Acadêmico nº 50, p. 11-23, jul. 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/050/50pc_cunhanunes.htm>. Acesso em: 10 de março de 2014.

OLIVEIRA, Carlos Ednei. **Migração e Escolarização: história de instituições escolares de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil (1964-1976)**. Uberlândia, MG: UFU, 2009, 335 p.

PERDIGÃO, F.; BASSEGIO, L. **Migrantes amazônicos**. São Paulo: Loyola, 1992.
ROHDEN, Josiane Brolo. **A reinvenção da escola: história, memórias e práticas educativas no período de colonização de Sinop - MT (1973-1979)**. Dissertação Mestrado, 2012.

SILVA FILHO, Gerino Alves. **VILHENA 100 ANOS DE HISTÓRIA**, 2009. Disponível em <<http://widget-fl.slide.com/widgets/slideticker.swftype=application/x-shockwave-flash>>.

SILVA, Emmanoel Gomes da. **Rondônia A Terra Que Se Fez Eldorado Para Todos Os Seus Filhos**. Copyright.2011.

VILHENA, Jeferson. (2009). **História de Vilhena – Rondônia**. Disponível em <<http://históriadevilhena.blogspot.com.br/>>. Acesso em 04 de julho de 2014.

Artigo recebido e avaliado em dezembro de 2014.